

# Abram Caminho Para a Verdadeira Grande Sociedade

O bom exemplo de um grupo de desordeiros do gueto de Nova York que resolveram construir um amanhã melhor para o seu bairro

*Condensado de NATIONAL CIVIC REVIEW*

JOSEPH P. BLANK

**F**ORMAVAM O pior grupo do Baixo East Side de Nova York, alguns dos mais turbulentos rapazes das ruas: ladrões, assaltantes, membros de quadrilhas. A maioria tinha começado a fumar maconha aos 13 anos; vários eram viciados em entorpecentes. Todos tinham sido presos várias vezes. Viviam mais na rua do que nos quartos dos pardiéis. Trabalhavam—*quando trabalhavam*—nos serviços mais humildes e nunca duravam muito tempo num emprêgo. Apesar de tudo isso, eram inteligentes, vivos, hábeis—líderes de bandos de rua.

Isso foi há quatro anos. Hoje ainda são líderes, mas numa espécie diferente de luta. São os fundadores e a força propulsora de uma organização do gueto que procura convencer os pobres de que têm à sua frente um futuro melhor desde que se encaminhem com determinação para êle. Chamam-se a Verdadeira Grande Sociedade.

A metamorfose dêsses chefes de quadrilha começou com Carlos (“Chino”) Garcia, um corpulento jovem pôrto-riquenho que havia abandonado os estudos depois do primeiro ano do curso secundário, sem ter apren-



dido a ler ou escrever inglês. Violento e astuto, Chino lutou pelo comando de uma quadrilha de rua chamada os Assassin Lords. Em seguida, em fins de 1963, com 17 anos, partiu para Pôrto Rico a fim de fugir a dificuldades com a polícia de Nova York. Um ano depois, voltou ao seu gueto, um pouco mais velho, um pouco mais experiente. Viu a sua rua como um estranho e pensou no futuro. *Que será o amanhã?*, pensou êle sombriamente. *O amanhã vai ser igualzinho a ontem. Bom negócio, hem?*

Uma noite, êle estava conversando com Angelo Gonzalez, que tinha acabado de cumprir três anos e meio de prisão por cumplicidade num homicídio.

“O que estamos fazendo não tem lógica nenhuma”, disse Chino. “Por que têm os pôrto-riquenhos de lutar uns com os outros é com os negros? Por que devemos ter medo de passar por uma rua a quatro quarteirões de distância? Por que temos de fazer planos, trabalhar e fazer fôrça apenas para destruir as coisas? Acho tudo isso uma burrice.”

Nas semanas seguintes, Garcia e Gonzalez tiveram a companhia de outros líderes da rua nesse exame de consciência. Angelo Giordani, outro elemento da quadrilha de Gonzalez, concordou em que “temos de fazer alguma coisa a respeito da maneira como estamos vivendo”. Giordani tinha abandonado os estudos no segundo ano do curso secundário, mas conseguira o diploma subme-

tendo-se a um exame difícil. Outro amigo preocupado com o futuro era Armando Perez, que se afastara dos Assassins para ajudar a formar uma quadrilha mais selecionada e, depois, tentara alistar-se no Corpo de Fuzileiros Navais. “Não quise-ram nada comigo, porque eu tinha sido prêso cinco vêzes e condenado três”, disse êle. Estava sem saber o que fazer.

**Recrutamento de um “Exército”.** O grupo chegou à conclusão de que nenhum dêles sabia muita coisa a respeito de qualquer coisa que não fôsse brigar. “Tivemos então uma idéia louca”, diz Chino, “de preparar um exército de camaradas como nós e de ex-detentos para oferecer os nossos serviços ao Govêrno dos Estados Unidos. Talvez então nos dessem atenção.”

A fim de levantar dinheiro para o “exército”, organizaram bailes sob o nome de Fabulosa Casa Latina. Começaram com uma motorola e, depois, contrataram uma orquestra. Em troca do uso de um grande porão nos fins de semana, fizeram melhoramentos na casa. Cobrando um dólar por pessoa, tinham um dos poucos salões de baile decentes do bairro. O empreendimento deu-lhes uma impressão de realização; êles eram capazes de dirigir um negócio legítimo.

Quando começaram a romper as limitações da antiga vida que levavam, a idéia de um exército se desvaneceu. Assistentes sociais, jovens professores e pessoal dirigente de



projetos de recuperação de favelas procuraram-nos, e Chino e seus camaradas discutiram cheios de interesse com êsses profissionais a modificação das condições do gueto que geram as quadrilhas e a delinquência. Fizeram amizade com Mike Good, um professor que havia trabalhado numa instituição de assistência social, e com Fred, irmão de Mike, que acabara de prestar serviço militar como tenente do Exército e estava a caminho da Europa, onde ia trabalhar num banco americano. Ouvindo o que Chino dizia, Fred desistiu da sua carreira bancária e resolveu colaborar. Mudou-se para o apartamento do irmão e conseguiu um emprêgo de escritório para viver.

**“Uma Coisa Nossa”**. Em meados de 1965, os antigos chefes de quadrilhas estavam adquirindo consciência social. “A espécie de luta que procurávamos estava bem ali nas nossas ruas”, diz Gonzalez. Numa reunião, Chino disse: “Não estamos vendo por aqui nenhum sinal da ‘Grande Sociedade’ preconizada pelo Presidente Johnson. Se a vida tem de mudar nestas ruas, é preciso que cooperemos e a mudemos. Ninguém vai fazer isso por nós. Precisamos de uma coisa nossa. Precisamos da *Verdadeira Grande Sociedade!*”

O grupo passava a ter um nome que drapejava como uma bandeira. Os vinte e poucos elementos que o compunham estavam cheios de idéias. Que poderiam fazer? “Meterem-se em negócios.” “Conseguir melhores

empregos para nossa gente.” “Afastar os garotos das drogas.” “Estabelecer segurança nas ruas.”

A conversa entusiasmou Fred Good. “Nunca tinha ouvido coisa semelhante”, diz êle. “Aquêles camaradas, nenhum dêles com qualquer experiência fora das ruas onde viviam, alguns até sem saberem ler e escrever—estavam dispostos a reformar o seu mundo.”

Nessa altura, a Verdadeira Grande Sociedade não estava de modo algum revolucionando as ruas, mas representava um fator nôvo e necessário no gueto: entusiasmo. Durante o ano de 1966, a Fabulosa Casa Latina rendeu algum dinheiro. Os líderes faziam biscates. Conseguiram que estudantes universitários ensinassem os que haviam abandonado os estudos e os ajudassem a passar no exame de madureza a fim de conseguirem o diploma do curso secundário. Abriram um pequeno centro numa frente de loja para conseguirem trabalhos de pintura e de conservação para adolescentes mais velhos.

Mas tinham necessidade de mais dinheiro para a execução das suas idéias. Uma possibilidade era o Departamento de Oportunidades Econômicas, o órgão do Govêrno de combate à pobreza. Giordani, que se tornara excelente aluno do Pace College de Nova York, disse: “Vamos fazer um requerimento.” Êle, Fred Good e outros redigiram uma proposta em que explicavam e calculavam as despesas com vários pro-



gramas empresariais e educativos no gueto. O requerimento foi indeferido por Washington.

Ninguém se abalou com isso. Os rapazes da Verdadeira Grande Sociedade elaboraram outra exposição dos seus objetivos, em que pediam 200.000 dólares, e a distribuíram por entre as fundações filantrópicas de Nova York. Treze delas a rejeitaram. Mas Allan W. Betts, Vice-Presidente da Fundação Vincent Astor, viu alguma coisa nela. "Os garotos", diz êle, "nada sabiam de organização e administração de negócios. Mas era o primeiro sinal que eu via de gente do gueto decidida a ajudar-se a si mesma." Betts propôs à diretoria da Fundação Astor um donativo de 15.000 dólares e conseguiu-o.

Quando Fred exibiu o donativo numa reunião da Verdadeira Grande Sociedade, os participantes do grupo deram gritos de alegria e se acotovelaram para ter uma oportunidade de tocar no fabuloso documento. Quando a satisfação se atenuou, dedicaram-se a falar de negócios. Resolveram abrir uma nova casa, "O Saco de Couro", para desenhar, fabricar e vender roupas de couro, expandir a Fabulosa Casa Latina mudando-a para nôvo local e estabelecer um serviço de creche e agência de babás para ajudar as mães que trabalhavam.

Os novos empreendimentos começaram bem, mas fracassaram dentro de um ano. Betts tinha razão. Os gerentes tinham muito que aprender sôbre a maneira de administrar

uma loja e tratar com o público.

**Nascimento de um Sonho.** Mas a Verdadeira Grande Sociedade já estava encarreirada num projeto muito mais ambicioso e original: um sonho chamado a Universidade das Ruas. Diz Angelo Gonzalez: "Essa idéia da escola é na realidade o fundo da Verdadeira Grande Sociedade: ajudar as pessoas a desenvolverem as capacidades e aptidões que Deus lhes deu." Giordani explicou-me: "Todos nós que formamos a Verdadeira Grande Sociedade somos pessoas que abandonaram os estudos e sabemos por que quatro em cada cinco garotos nestas ruas deixam de estudar. A escola não se articula com a vida do garoto. Êle não pode utilizar na rua o que aprende na aula e, por isso, perde o interêsse de aprender. Precisamos de uma escola que encare êsse garoto do ponto mental e emocional em que se encontra. A escola tem de fazer parte da comunidade dêle."

Com outro donativo de 25.000 dólares da Fundação Astor, a Verdadeira Grande Sociedade alugou quatro andares num velho prédio no Baixo East Side e uma frente de loja em East Harlem. Foi organizada uma lista de 50 professôres voluntários, a qual ia de um diretor de uma loja de departamentos a um ex-detento que se havia tornado um especialista em história de Pôrto Rico por havê-la estudado na prisão. Os membros da Verdadeira Grande Sociedade percorreram os bairros e espalharam a notícia de que a Uni-



versidade das Ruas estava em funcionamento.

Quando perguntavam: "Que é que estão ensinando?", respondiam: "O que quiserem aprender. A escola é de *vocês*. Digam o que querem que se ensine."

Mais de 800 adolescentes e adultos se inscreveram para vários cursos, como inglês, arte dramática, ourivesaria e karatê. O espaço alugado pela Verdadeira Grande Sociedade não era suficiente e os professores tiveram de dar aula à maior parte das 30 turmas em porões de igrejas, parques, centros sociais, lojas e cafés. A atmosfera escolar era livre de formalidades. Não havia séries, nem competição. "Nós só queremos uma coisa", explicou um professor. "É *interessar* o aluno."

Durante o ano, várias centenas de matriculados se afastaram. Mas 20 pelo menos dos restantes 375 voltaram para a escola e outros obtiveram emprêgo em ramos onde normalmente não teriam chance: programação de computadores, desenho em tecidos, fotografia.

A turma de arte dramática representou na Universidade de Nova York. A qualidade do seu trabalho fê-la merecer donativos no total de 57.000 dólares do Departamento de Oportunidades Econômicas e da Fundação Ford. O departamento de música dá cursos de violão, piano e instrumentos de sôpro. Organiza também sessões de improvisação para entusiastas de jazz e de música latino-americana.

Um aluno de 26 anos, que está a caminho de uma carreira promissora como clarinetista, disse-me: "Até entrar para a Verdadeira Grande Sociedade, eu apenas sobrevivía de dia para dia. Mas aqui, aprendendo música, criando música, voltei à vida. Descobri o que quero fazer para o resto da vida."

**Acendendo-se por Dentro.** O vício da heroína é morte lenta e a Verdadeira Grande Sociedade já salvou virtualmente a vida de 45 jovens toxicômanos, como, por exemplo, Bo Bo Ortiz. Bo Bo, que fôra chefe dos Intocáveis, tinha sido prêso 12 vêzes e foi libertado da prisão em meados de 1967. Soube pelos rumôres do gueto da existência de uma organização chamada de Verdadeira Grande Sociedade e apareceu para ver de que se tratava. Ficou surpreso de verificar que o diretor era Chino, um rival de quadrilha a quem tivera em outros tempos vontade de matar. Os dois conversaram durante algum tempo. Bo Bo se despediu de Chino pensativamente. *Aí está êle, fazendo bem ao bairro, e aqui estou eu, ainda tomando entorpecentes na esquina.*

Bo Bo rondou a gente da Verdadeira Grande Sociedade por um mês, ouvindo as conversas e sentindo o entusiasmo. Todos os que o cercavam acreditavam que o destino do homem estava em suas próprias mãos.

—Senti que alguma coisa se acendia dentro de mim—diz Bo Bo. Disse a Chino:—Quero fazer êsse tipo de trabalho.



—Você tem um problema, os entorpecentes—disse Chino.

—Vou deixar.

Bo Bo se absorveu por completo na obra da Verdadeira Grande Sociedade. Quando os seus interesses e a sua vida se transformaram, não lhe foi tão traumático deixar a heroína quanto havia esperado. Em janeiro dominou o vício.

Algumas semanas depois, Bo Bo disse a Chino:

—Posso agir melhor na minha rua. Vivem ali mil pessoas que eu conheço e que me conhecem. Quero fazer alguma coisa para que aquela rua tenha o que precisa.

—Ótimo!—disse Chino.

“**Uma Coisa Fantástica**”. Bo Bo encontrou uma loja vazia e, com vários jovens que partilhavam das suas convicções, fundou a Cooperativa da Rua 13. A greve dos lixeiros de Nova York tinha começado e o pessoal da cooperativa organizou uma turma para recolher o lixo, transportá-lo de caminhão e varrer as calçadas. No verão, o pequeno grupo estabeleceu uma rua de recreio juntamente com a Liga Atlética da Polícia. Com o auxílio de uma fundação da comunidade, tirou 120 garotos das ruas e instalou-os

em campos diurnos quatro vezes por semana. Em todos os fins-de-semana, levava no mínimo um ônibus cheio de famílias para piqueniques nas praias e nos parques.

Bo Bo adora o que está fazendo. “Para mim é uma coisa fantástica”, diz êle com um sorriso. “Estou contribuindo para que a vida tenha algum valor.”

Muitos outros concordam com o juízo que Bo Bo faz da obra da Verdadeira Grande Sociedade. Nestes últimos dois anos, o Departamento de Oportunidades Econômicas, a prefeitura de Nova York, fundações, indústrias e particulares deram quase 600.000 dólares para financiar as suas atividades.

Na Companhia de Seguros Equitable, que tem contratado muitos rapazes e môças de bairros da Verdadeira Grande Sociedade, o Vice-Presidente Merle A. Gulick me disse: “É preciso muita coragem e muita personalidade para um rapaz, que não tem absolutamente nada a seu favor, resolver modificar a sua vida e transformar a sua comunidade. A Verdadeira Grande Sociedade é de fato verdadeira e a obra que está realizando é um elemento positivo para o seu país.”



### Respostas ao teste da pág. 109

- |               |               |              |                |               |
|---------------|---------------|--------------|----------------|---------------|
| 1. (g) Dez;   | 2. (n) 25;    | 3. (a) Seis; | 4. (e) Quatro; | 5. (b) 14;    |
| 6. (h) 52;    | 7. (l) Cinco; | 8. (c) 90;   | 9. (o) 16;     | 10. (r) 26;   |
| 11. (d) 100;  | 12. (q) 150;  | 13. (v) 18;  | 14. (j) 20;    | 15. (x) Sete; |
| 16. (u) Dois; | 17. (p) 36;   | 18. (f) 15;  | 19. (t) Oito;  | 20. (m) Nove; |
| 21. (i) Um;   | 22. (z) 12;   | 23. (s) 50.  |                |               |





## Ford LTD: o carro menos vendido no Brasil.

Como o nome já indica, é um automóvel de produção limitada.

Feito assim em pequena escala, o Ford LTD é um automóvel exclusivo, pessoal, automóvel para poucos.

O Ford LTD é o mais moderno e luxuoso automóvel brasileiro.

Tem as mesmas características de conforto, desempenho e qualidade

dos mais caros e famosos carros internacionais.

Você pode comprar o seu Ford LTD com transmissão automática, direção hidráulica, ar condicionado, freios auto-ajustáveis.

E vai ter no seu LTD estas outras vantagens: troca de óleo do motor a cada 10.000 km, suspensão pré-lubri-

ficada para 50.000 km e motor de 190 HP o mais potente do Brasil em carros de passeio.

Ford LTD, o carro menos vendido do País.

Uma vantagem que pouca gente poderá apreciar.



### Novo Galaxie 1969

-o silêncio como prova de qualidade.

Nova potência do motor: agora são 170 HP. Ar condicionado (opcional). Direção hidráulica. Novo estofamento. Troca de óleo do motor a cada 10.000 km. Suspensão pré-lubrificada para 50.000 km. Novas cores. E outras inovações e opções que você deve conhecer nos Revendedores Autorizados do Galaxie.

**LTD SIM!  
IMPORTADOS  
NÃO**



**GÁLAXIE**





# O CARRO CERTO: CHEVROLET OPALA





Muito prazer. Chevrolet Opala. Que não é um só, são quatro. O automóvel mais automóveis do Brasil. Há o 2500 e o 2500 De Luxo (ambos com 4 cilindros). O 3800 e o 3800 De Luxo (ambos com 6 cilindros). Tôda uma nova geração de automóveis. Olhe, entre no Chevrolet Opala. Prove, sinta o Chevrolet Opala. Olhe para suas linhas e côres e veja como tudo é har-

monico, bem dosado (veja o grande porta-malas), prático e bonito em qualquer de seus quatro temperamentos controlados e apaixonantes. Entre e experimente o prazer de um interior (útil e agradável) onde tudo foi criado para ser ótimo. Prove o Chevrolet Opala com atenção e sinta a maciez da mudança, a facilidade do manejo, a resposta imediata e dócil

do motor, a obediência irrestrita dos freios. Agora sinta você no Chevrolet Opala. Você está dentro de um dos quatro automóveis certos do Brasil. Certos no tamanho certo, no preço certo, no conforto certo, no estilo certo, na segurança certa, na variedade certa. Onde comprar o Chevrolet Opala? Num Concessionário Chevrolet, onde você pode conhecê-lo melhor. Certo?

CHEVROLET

Opala

Um carro em quatro temperamentos



MARCA DE EXCELÊNCIA

